

MUSEU E ANTI-MUSEU: OUTRAS HISTÓRIAS (TRANSCRIÇÃO)

Por Francisco Régis Lopes Ramos

Bom dia a todas e a todos. Em primeiro lugar, o meu agradecimento pelo convite e pela generosidade do convite, a oportunidade de participar de uma palestra – mas espero que seja também uma palestra-conversa, daí o tempo para as perguntas, as dúvidas, os questionamentos. De fato, é um prazer compartilhar esta palestra, esta conversa.

Eu vou falar a partir do título, usando em certa medida a metodologia do Paulo Freire, que pensava nas palavras e nos temas geradores. Então, nós temos aqui quatro palavras básicas. E também sabemos que se trata de uma comunicação, uma palestra. Vocês estão notando que eu tenho certa restrição ao termo *palestra*, mas é um vício de geração. A gente achava, nos anos 80, que palestra poderia ser algo autoritário porque é uma voz autoritária diante de um auditório (aqui, no caso, diante de uma rede). Aí eu fico o tempo todo deslizando e dizendo “palestra”, “conversa”, “diálogo”, mas é vício de geração. Então, temos esta palestra-conversa a partir de quatro palavras: *museu*, *anti-museu* e *outras histórias*. O título, em certa medida, se repete no subtítulo. Há uma certa oposição – museu X anti-museu – e não só *História*, mas *outras histórias*.

Vamos começar pelo subtítulo: outras histórias. O que significa isso em relação ao título? Para se pensar História, hoje – ou agora –, necessariamente precisamos pensar sobre tempo. Qual o tempo que a História utiliza para fazer uma narrativa, para contar sobre um passado? Tempo, já está no nosso senso comum, se divide em três dimensões: passado, presente e futuro. Gostaria de problematizar essa divisão, que é da História científica, da História século XVIII, século XVII também, século XIX, XX e XXI. Problematizar essas relações significa dizer que, no final das contas, passado e presente, presente e futuro, são invenções *políticas*. É preciso entender qual o sentido político dessas divisões, quando a gente diz, por exemplo, “é do passado”, “é do presente” ou “isso é para o futuro”.

Ora, tem um autor que eu gostaria de ressaltar aqui, o Walter Benjamin, já me conectando com o tema da *agoridade*. Quando eu fui convidado, fui fazer uma pesquisa no Google para saber o tema e me ambientar um pouco em relação à discussão

proposta, e daí veio a ideia de pensar essas quatro palavras através de uma citação do Walter Benjamin que fala exatamente sobre tempo. Porque o tempo, de fato, é algo que não se vê, é algo que não se toca, é algo que não tem cheiro. Não passa pela percepção, o tempo. Por exemplo, ninguém pode dizer “eu vi o tempo ali na rua, passeando”, “passou um tempo agora, rapidamente”. Mas, ao mesmo tempo, ele existe em tudo, e a gente percebe, por exemplo, o tempo nos objetos, nas coisas, nas pessoas, no meu cabelo branco – isso significa que eu não tenho quinze anos. Já é uma leitura automática. Já é uma leitura automatizada saber que onde eu moro não é um prédio que foi feito ontem.

Ora, essa percepção do tempo através da matéria, através dos objetos, da cultura material e dos artefatos vai indicando já para nós a importância dos museus. Os museus seriam, exatamente nessa perspectiva, um lugar de leitura do tempo, porque há um jogo necessariamente temporal em qualquer exposição de museus, em qualquer museu que se exponha. De modo que essa relação passado, presente e futuro é uma relação muito importante, muito significativa para a História e para os museus. Daí o título misturar *outras histórias com anti-museu*.

Sem ainda passar para a citação do Walter Benjamin, eu gostaria de fazer uma pergunta. Acho que é a única pergunta válida em relação ao tempo, ao tempo que nós vivemos: quando é que começou o meu presente? Portanto, quando é que terminou o meu passado? A partir dessa pergunta, eu imagino, a gente pode enfrentar melhor os desafios tanto de outras histórias quanto da dialética entre museu e anti-museu. Quando é que terminou o meu passado? Para a psicanálise, é interessante notar, o passado continua. Não dá para dizer, na psicanálise, quando foi que o seu passado terminou, porque o seu passado retorna, inclusive com uma coisa tão desagradável chamada *o retorno do recalado*. Isso é central na psicanálise. Vai voltando. Determinadas lembranças, sobretudo da infância, que estão recaladas, que a gente não lembra mais, a partir de um determinado fato, a partir de um determinado evento aquilo pode voltar. Inclusive, numa terapia de psicanálise, através da palavra, do discurso – porque o inconsciente é discurso, é linguagem – é possível a gente saber de coisas que não sabia e sabia. Quer dizer, eu posso ter um passado que está na “linguagem do inconsciente”, como diria o Lacan, mas saber sobre isso só é possível através de uma

sessão – ou de várias! – de psicanálise. Então, para quem é da área da psicanálise, se um historiador chega e diz: “Ah, isso é uma coisa do passado”, o psicanalista vai começar a rir. Vai dizer: “Essa divisão, para nós, dessa área, não existe.” Penso que a gente tem aprendido muito com essa perspectiva psicanalítica de dizer que o passado não está só no passado, o passado está no presente. E, nessa relação, há uma construção de perspectivas de futuro aberto ou fechado.

A literatura também é muito sabida, muito inteligente, tem uma perspectiva muito problematizadora dessas relações. Eu tinha separado aqui, mas não vou ler, vou apenas fazer referência, a dois autores que escreveram autobiografias: o Graciliano Ramos e o Murilo Mendes. Eles se perguntam: quando foi que eu nasci para mim mesmo? Eu tenho uma data de nascimento, óbvio, mas qual foi a minha primeira lembrança? Eu lembro primeiro de quê? Inclusive, isso poderia marcar um nascimento, digamos assim, mais verdadeiro. Quando é que eu comecei a existir? Qual é a minha primeira visão de mundo? O que é que eu lembro da minha aparição no mundo? É uma pergunta difícil, eu pelo menos não sei. E eu acho que ninguém sabe, porque é tudo muito confuso. O Graciliano diz: “Eu vi um vaso com frutas dentro, mas eu não sei se esse vaso era verdadeiro. Para mim parece que foi.” O Murilo Mendes diz: “Olha, eu nasci oficialmente na data tal, mas a minha vida veio depois, porque a minha memória veio depois, o que eu me lembro veio depois.” Então, no final das contas, desse ponto de vista, nós não sabemos quando nós nascemos. Isso é muito interessante porque mostra como essa divisão passado, presente e futuro é artificial.

E o que isso tem a ver com História e com museu? É que há numa renovação do museu, do anti-museu e dessas outras histórias uma outra perspectiva de presente. E nessa perspectiva de presente há uma relação muito mais complexa com o passado. Não é uma relação de simples continuidade, não é uma relação de simples contestação, não é uma relação de evolução nem de atraso, mas é uma relação, como diz o Walter Benjamin, de criação do *agora*, que é diferente do presente.

Os cientificistas do século XIX davam muito valor ao presente. A enciclopédia francesa, por exemplo, já dizia que o ensino de História deveria partir do presente. Depois da psicanálise, depois do Walter Benjamin, depois de um autor como o Michel de Certeau, depois de muita coisa que se pensou e que se sofreu no século XX, a ideia já

é que o nosso tempo faz sentido para outras histórias e para essa radicalidade do anti-museu, para fazer outros museus. Isso não significa fazer museu novo. Significa ter outra perspectiva, que jogue com os museus tais como eles foram constituídos. Não tem nada a ver esse anti-museu – depois eu vou falar, essa é a última questão – com a destruição de museus, pelo contrário. Trata-se de fazer do museu uma instituição dialética, que seja ele mesmo e contra ele, no mesmo espaço. É quase como assumir o *inconsciente museológico*, assumir que dentro de um museu precisa haver a sua oposição, aquilo que se opõe a ele mesmo.

Citação do Walter Benjamin, para não ultrapassar o tempo (porque este tempo aqui de fato é contado, outros não, mas este precisa ser): “Não é que o passado lança a sua luz sobre o presente” – ou seja, não é a ideia de que a gente vai simplesmente aprender com o passado, o que inclusive é uma ideia conservadora – “ou que o presente lança a sua luz sobre o passado.” Não é, como diria o Michel de Certeau, transformar o passado em objeto de reflexão, em objeto científico, para se saber o que aconteceu. Não é somente saber o que aconteceu e não é simplesmente o passado como referência para o presente. O Walter Benjamin vai ficar muito insatisfeito com essas palavras. Ele, já em situações extremas, como uma pessoa perseguida pelo nazismo, o fascismo, ele compreendeu que a Europa, o Ocidente, o pensamento ocidental precisava fazer uma reviravolta mesmo. Não daria mais para aguentar um sistema de evolução, de progresso, criado no século XIX. Daí o seu esforço enorme de criação de outras palavras para dar conta desse tempo complexo, esse tempo em que há passado, presente e futuro ao mesmo tempo.

Então ele vai dizer que não é essa questão de ficar insistindo na dicotomia passado X presente, mas pensar através de *imagens dialéticas*. A imagem dialética, para o Walter Benjamin, é a imagem autenticamente histórica. A proposta de História para ele – portanto a proposta para se pensar o tempo – é em outros termos, é a partir da imagem. Então ele diz: “Mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo” – vejam, não é mais passado e presente, é o ocorrido, alguma coisa que aconteceu e o agora; o agora não é presente – “formando uma constelação.” Essa imagem de constelação é muito comum nos escritos do Walter Benjamin. É a ideia de constelação de estrelas mesmo. Ele aqui já está fugindo completamente do pensamento

eurocêntrico que colocaria o ser humano, ou seja, o sujeito pensante, dono da sua razão, como diria o Descartes, no centro. Não, o centro agora é o universo, o infinito, o eterno, é aquilo que de fato está no céu. É como se fosse uma queda do céu também aqui. Ele conhecia outras formas de percepção do tempo que estão para além da racionalidade europeia. Por isso se diz também que ele é um autor pós-colonial. Fora do tempo, mas nessa perspectiva.

“A imagem é dialética na imobilidade”. Isso é completamente crítico, completamente avesso à racionalidade moderna passado X presente. Passado, presente e futuro é, antes de tudo, um esquema ansioso, depressivo, mortal. Quem pensou muito bem sobre isso entre nós é Ailton Krenak (*Ideias para adiar o fim do mundo*). Combina com essa perspectiva do Walter Benjamin. Imobilidade por quê? Porque não é uma pressa para chegar no futuro e nem é uma ansiedade para descobrir o passado. É o agora. O agora é diferente da linha. O agora é um lampejo, é uma iluminação, uma visão de estrelas no céu com a possibilidade que a gente tem de fazer vários desenhos. A imagem é muito potente. É uma constelação por quê? Porque, nesse tempo, é possível criar sem se submeter às lições do passado, sem se submeter às pressões do futuro. Sem ficar entre o passado e o futuro, o agora se liberta. É essa a ideia do Walter Benjamin. Por isso que ele pensa não mais em termos de passado e futuro, mas em termos de agora. “Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua”, ou seja, é uma linha que vai criando causa e consequência – “Ah, estou triste porque aconteceu isso comigo, estou triste porque a minha história é triste, ou estou feliz porque a minha história é feliz” –, então a História começa a acumular uma quantidade enorme de justificativas para o que eu sou ou deixo de ser. O agora vai se libertando disso através dessa imagem da constelação. Repetindo: “Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua” – causa, consequência – “a relação do ocorrido com o agora é dialética – não uma progressão”, não uma obrigação de ser melhor ou ser pior, não uma relação de culpa ou de glorificação diante do que se passou, “e sim uma imagem, que salta.” É o “tempo saturado de agoras”.

“Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas, isto é, não arcaicas, e o lugar onde as encontramos é a linguagem.” Ora, linguagem é exatamente a prática de

dar sentido ao mundo. É através da linguagem que nós conseguimos conectar uma coisa com a outra. E um lugar privilegiado de exercício da linguagem é exatamente o museu, porque, além de trabalhar com a palavra, o museu trabalha necessariamente com aquilo que não é palavra, ou seja, a cultura material, o objeto, aquilo que o Francis Ponge dizia sobre essa falta de palavras. Ele dizia: “Os objetos não falam.” Isso pode parecer muito simplista, mas muitas vezes a gente quer que tenham essa linguagem que possa ser traduzida através de palavras. Mas não, têm outro tipo de linguagem.

Essa linguagem – aí eu volto ao começo do que eu falei – tem tudo a ver com o tempo. Tem a ver com aquela reflexão inicial, à qual eu fiz referência, no sentido de que o tempo para nós só existe através dessa cultura material, que vai dando para nós, para a nossa vida, a ideia de que algo é antigo, de que algo é novo, está próximo de mim, não está próximo. Esse jogo – passado e presente, ou, como diria o Walter Benjamin, o ocorrido e o agora – se faz de maneira muito especial em museus. Quando eu publiquei esse livro chamado *A danação do objeto*, e depois, não a fazer uma revisão, mas a repor algumas questões, um outro livro chamado *Em nome do objeto*, por que havia essa centralidade no objeto? Porque, a meu ver, tanto para a História quanto para museus e para os que defendem o ensino de História em museus, essa cultura material, que não fala, *fala muito*, no final das contas. Fala muito exatamente naquilo que é mais significativo para uma outra visão política do mundo, que é uma política do tempo. Pelo fato de ser uma política muito abstrata, muito envolvente, difícil de se falar sobre ela acaba sendo muito atuante. Daí a ideia – acho que só tem essa ideia mesmo, no livro *A danação do objeto* – de que esse museu, essa instituição que vai receber a percepção dos visitantes faz sentido como um lugar especial, um lugar central num cotidiano já cheio de objetos. Compreender o objeto do outro, inclusive do outro no tempo, o objeto dito antigo, passa pela compreensão dos objetos que eu tenho hoje. É dessa dialética: do ocorrido que está no museu com o agora que só se realiza através das pessoas. Um museu que não tem visitantes, um museu que não interage com o tempo presente não tem o agora. O agora se faz exatamente nessa dialética diante do ocorrido. O museu seria exatamente o ocorrido.

Qual é o problema desse ocorrido que se discute na Museologia, na História, em outras disciplinas, Sociologia, Antropologia? É que esse objeto pode estar preso no

museu. O Achille Mbembe, como muitos outros pensadores, deu uma contribuição muito interessante para nós pensarmos se não seria o caso de ter dentro de todo museu um anti-museu. Chegamos agora finalmente nessa palavrinha que eu estou tomando nesse sentido do Achille Mbembe no livro chamado *Políticas da inimizade*. O título é muito provocante. E ele continua essa reflexão no seu livro mais novo, que se chama *Brutalismo*. Ele tem se dedicado a uma reflexão sobre memória, patrimônio e museu, imaginando que as instituições museológicas precisam enfrentar esse problema do objeto que é tirado de circulação. Porque todo museu, todo arquivo – biblioteca é diferente – se caracteriza exatamente pelo fato de retirar dos objetos o seu valor de uso, em princípio. E aí ele se refere às relações coloniais que fizeram museus a partir de acervos dos outros, da África, ou aqui das Américas, museus fora desses espaços, mas também dentro. Então, como enfrentar essa tradição que define o museu como o lugar que tem objetos que necessariamente precisam perder o valor de uso para ganhar valor simbólico e de conservação? É como o professor Ulpiano [Bezerra de Meneses] diz sempre: “Ninguém vai a uma exposição que tem relógios para saber das horas.” Numa exposição de cadeiras a gente não vai para se sentar. Essa discussão continua sendo muito interessante para a gente pensar o que seria um anti-museu dentro de um museu de acordo com o Mbembe. Seria exatamente essa possibilidade de interação capaz de retirar o objeto do passado e colocá-lo no ocorrido. Não é simplesmente, dessa maneira, colocar o objeto num cenário – pode ser! –, colocar o objeto com muitas informações, o acervo muito rodeado de dados sobre o que está sendo exposto. Não é uma questão de acúmulo, é uma questão de afetividade que se constitui com o tempo, no tempo e apesar do tempo.

Fazendo algumas amarrações naquilo que eu falei, naquilo que eu pontuei, o anti-museu é uma relação diferente com o tempo. O anti-museu *no* museu, entendendo que esse passado, ou esse ocorrido, precisa ser para nós um agora. E esse agora passa pelo corpo, porque o museu tem em sua perspectiva básica a presença. Uma coisa é ver algo que se cita em um livro. É importante, é interessante, cria expectativa, mas isso que está num livro visto em um objeto, na cultura material, cria outro impacto. Inclusive, terrivelmente nós descobrimos – o pensamento, a reflexão –, o nosso corpo descobriu que a presença é mais importante do que a gente imaginava, com a pandemia. Claro,

descobrimos também como são importantes esses encontros virtuais, mas colocamos uma dúvida sobre a necessidade dessa presença material, que antes parecia ser um pouco descartável. Eu não estou aqui querendo fazer uma listagem de “lições do pós-pandemia”, ou da pandemia já quase acabando, ou querendo acabar, ou de a gente querendo que ela acabe. Não, não se trata disso. É que, pelo que eu acompanho das reflexões, inclusive via internet, não presencial, há uma espécie de reviravolta em torno do que seria a presença. E aí o Walter Benjamin volta, nesse sentido, a fazer a nossa cabeça pensar sobre essa possibilidade do agora, entendendo o museu como um lugar privilegiado desse agora.

Eu queria citar um autor, para terminar, que é o Ailton Krenak. No livro chamado *Ideias para adiar o fim do mundo* ele vai definir a ideia que pode *adiar* o fim do mundo – não é a ideia que pode *acabar* com o fim do mundo, pois aí seria uma ideia moderna –, que é exatamente a possibilidade de contar *mais uma história*. Esse contar mais uma história tem tudo a ver com o agora, tem tudo a ver com essa outra história que é possível através do contato com a cultura material. E, em outro livro mais recente, chamado *A vida não é útil* – os títulos são maravilhosos –, que supõe já um tempo que não é o tempo do progresso, ele diz o seguinte: “Temos que parar de nos desenvolver e começar nos envolver.” É a troca do verbo *desenvolver* pelo verbo *envolver*. O jogo com as palavras aqui é um jogo sobretudo ligado a essa discussão do tempo. Qual o tempo que nós queremos praticar nesse museu que também se assume como anti-museu, nessa História que também se assume como anti-História ou como outras histórias? É o tempo do agora.

Antes de terminar, há também uma outra indicação para a gente pensar essa possibilidade de outros tempos: de um pensador chamado Georges Agamben. Se tornou muito conhecido num passado recente a partir da ideia de estado de exceção. Mas ele é muito bom, além de tudo, pelas contribuições que ele dá, nas leituras que ele faz, diante do Walter Benjamin, e como ele vai adiante. Ele fala exatamente desse tempo que é linear – passado, presente e futuro – e vai para as religiões entender como o sagrado poderia ajudar na perspectiva de abertura para um tempo diferente. Então, inclusive estudando o Cristianismo e outras abordagens, outras vivências, ele diz: “Não se trata, em princípio, de destruir a cronologia.” Não é simplesmente dizer que passado

e presente não existem. Significa abrir nesse esquema, nessa linha, nessa progressão, um *intervalo*. A ideia de intervalo combina com a ideia de agora, combina com a ideia do Walter Benjamin de dizer que se trata de uma imagem parada e não uma vivência em movimento. Vejam, do Ailton Krenak, passando pelo Walter Benjamin, Michel de Certeau e chegando ao Agamben, a gente vai encontrando pontos em comum que incomodam essas pessoas. Essas pessoas estão pensando isso porque elas estão incomodadas, estão sendo afetadas pelo mundo. Eu diria até: todas estão ou ficaram doentes diante do tempo linear que o mundo oferece. Mas o mundo oferece outras vivências, e é preciso entender isso.

Essa ideia de intervalo é muito interessante. Eu prometo que eu vou terminar com ela, passando para uma perspectiva mais pessoal, porque eu acho que fica mais didático para terminar. Na nossa vida, na minha vida, na vida de cada pessoa, a gente tem *fatos*. “Aconteceu isso, ontem eu levei uma queda bem ali na casa não sei de quem” – isso é um fato. Quando eu digo assim: “Eu passei um tempo morando em São Paulo, de 1998 a 2000” – isso *não* é um fato, isso é um período. “No fim da década de 80 eu fiz a graduação em História” – isso não é um fato, isso é um período. Existem fatos e períodos. Os períodos são constituídos de fatos – aconteceu isso, aconteceu aquilo etc. – na biografia de uma pessoa. A pessoa nasceu no ano tal, morreu no ano tal – isso é um período. Nesse período, é tudo cheio de fatos. Pois bem, nós somos acostumados a pensar assim. Esse pensamento é o pensamento eurocêntrico, racionalista, desenvolvimentista, que acredita no progresso (ou no atraso), que classifica as culturas a partir do critério “mais avançado” (ou “que não conseguiu chegar ao progresso”). Esse é o raciocínio que exclui as culturas através do tempo. Pois o Agamben diz: “Vamos inverter. Se a gente fizer uma inversão aí vai ficar bacana, não só para a gente pensar, mas para a gente viver.” E eu volto a defender aqui a ideia de museu como uma instituição, como um espaço super bacana, legal, adequado para a gente exercitar isso que o Agamben diz. Vamos fazer a troca. Qual é a troca que ele propõe? Ao invés de colocar fatos em períodos, vamos colocar períodos em fatos. Isso é tão interessante, se a gente começar a fazer esse exercício, porque abre-se um intervalo: aquilo que era fato, transformado em agora, em intensidade, em vivência do corpo, vai adquirir uma dimensão que não se resume ao fato. O fato tem o que aconteceu antes e o que

aconteceu depois. O período em um fato – quer dizer, o intervalo que se abre para se constituir no fato um período – é uma espécie de aprofundamento, de verticalidade do tempo que já não se preocupa com evolução, se está seguindo o rumo da História ou não. Nesse sentido é uma anti-História. A minha vida se torna um ato de criação por essa inversão.

Aí eu vou fazer um “resumão”, desculpem a simplificação. O pensamento contemporâneo, o pensamento rebelde, o pensamento que não se conforma com o mundo, o pensamento que se incomoda com o mundo do jeito que é, desde Nietzsche até o Agamben, passando pelo Krenak, o Achille Mbembe, a Angela Davis, na sua proposta de interseccionalidade, pessoas que não se conformam com o mundo, como o Paulo Freire, possuem um ponto em comum, que é exatamente a tentativa radical, eu diria *visceral*, de romper com o tempo linear e fazer do agora, fazer do intervalo, fazer do instante – ou, como diria o Nietzsche, do *intempestivo*, quer dizer, o que não está submetido ao tempo – um ato de criação, um ato criador. Ato criador de quê? De tempo. Precisamos não de mais tempo. Como a gente costuma dizer, “preciso de mais tempo para fazer isso, mais tempo para fazer aquilo”, e cada vez o tempo é menor. Para quem quer mais tempo o tempo fica muito pequeno. É uma dica que eu deixo aqui de “auto-ajuda” [risos]. Não queira mais tempo porque ele vai diminuir de maneira absolutamente revoltante. Agora, se vocês querem o agora, vocês vão ter o eterno, porque é exatamente na experiência da beleza que a gente tem isso, mas não dá muito valor, quando encontra algo que mexe com a gente. E esse mexer é um mexer verdadeiro quando está fora do tempo. Fora do tempo linear e no modo de funcionamento do tempo da criação. Esse ato de criação, tenho que dizer, é uma ideia do Deleuze. O que é o ato de criação? É a possibilidade do inexplicável, daquilo que a gente vive, sendo uma vivência o tempo, colocando-se para além dele. Porque o tempo linear é muito autoritário. Ele costuma dizer o que a gente pode e o que a gente não pode fazer. “Ah, para o futuro tem que ter determinado plano econômico, é preciso sofrer agora para depois melhorar”. Esse é o papo dos economistas. Cada profissão tem seu papo temporal, não é? E é sempre uma conversa, mesmo na área de humanidades, mesmo na área de História, de castigo, de culpa. “Ora, fizeram isso, aí você está pagando agora.” Tem sempre uma dívida, tem sempre um boleto que vem através do tempo na

nossa cabeça, na nossa coletividade, nas nossas lutas. É preciso questionar esse boleto que chega todo dia para a gente pagar. Pagar o quê? O tempo.

Para terminar, eu gostaria de renovar, através do que eu falei, do que a gente pode discutir, a minha crença – renovada, mesmo – em relação a esse espaço chamado museu como possibilidade de ser museu e anti-museu ao mesmo tempo, como espaço de exibição do tempo para que a gente saia do tempo, não fique nele. Ele está sendo exibido para criar uma possibilidade de ato de criação diante desse tempo.

Eu queria agradecer muito o convite – vou encerrar dessa maneira – e estou disponível para qualquer pergunta. Se eu não souber responder e não tenho nenhum problema. Digo: “Não sei”. Mas, se eu souber, eu dou alguma dica. Eu agradeço muito a atenção de todas e de todos. Muito obrigado.

Francisco Régis Lopes Ramos é Professor Titular do Departamento de História da UFC, possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (1992), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1996) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Tem atuado principalmente nos seguintes temas: memória, escrita da história, tempo e literatura.